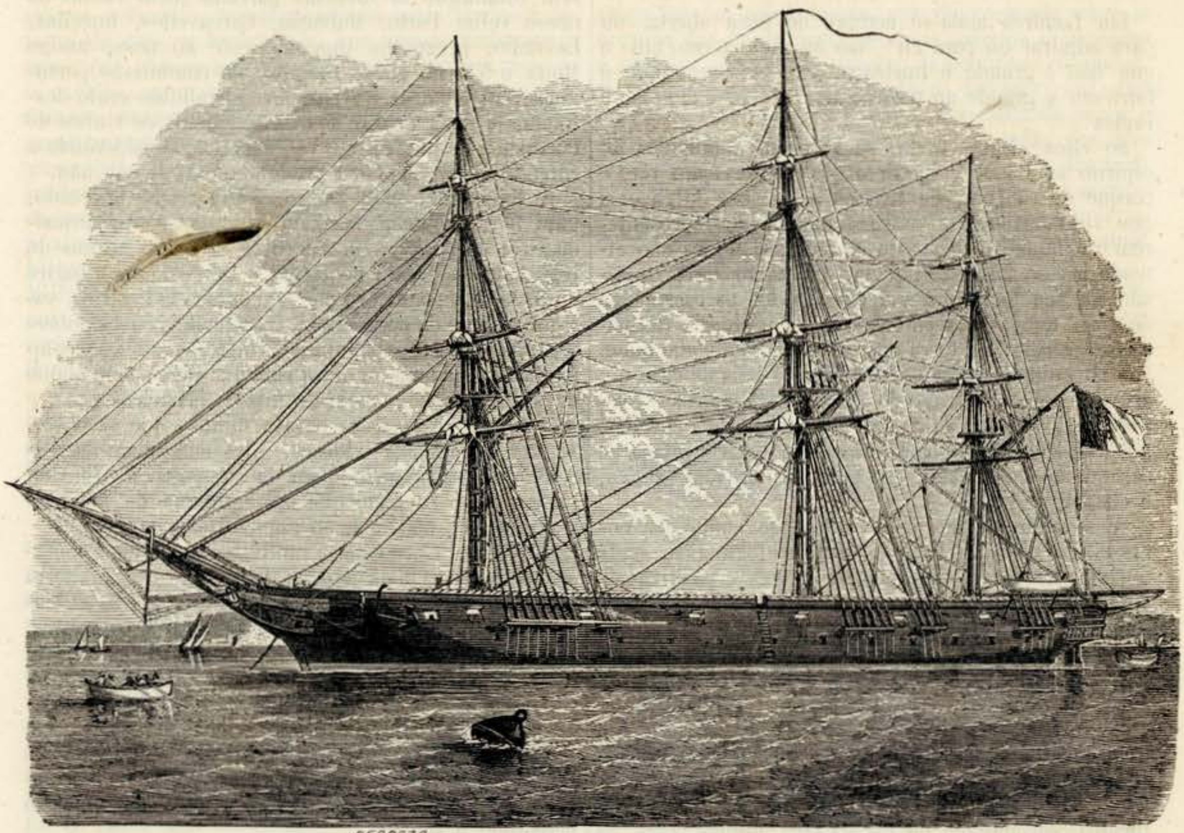


Corveta Sá da Bandeira — Desenho e gravura de Pedroso

Foi esta a primeira corveta de vapor que se construiu no arsenal da marinha, por iniciativa do nobre visconde de Sá da Bandeira, cujo nome tomou por determinação do magnanimo e grato soberano que tão prematuramente perdemos.

É do distincto pintor de marinhas e nosso primeiro gravador, o sr. Pedroso, a fiel estampa d'este navio, por elle desenhada e gravada.

Já que não temos, como as outras nações, uma galeria da nossa armada, ao menos archivem-se n'este semanario, ainda que seja em miniatura, os desenhos fidedignos das embarcações que possuimos.

Confiâmos que o actual ministro, o sr. Mendes Leal, cuja administração ha de fazer epocha nos fastos tão gloriosos da nossa marinha, tanto pelo que elle tem conseguido, como pelo que projecta, não deixará tambem de inaugurar a galeria naval.

Este vapor, que é de systema mixto, mandou-se construir por portaria do ministerio da marinha datada de 19 de dezembro de 1859, segundo o plano da corveta ingleza *Archer*, sob a direcção do primeiro engenheiro constructor da armada conde de Linhares.

A quilha foi posta no estaleiro do arsenal a 13 de fevereiro de 1860 indo el-rei D. Pedro v no dia 15 bater-lhe a cavilha mestra, impondo-lhe o nome do valente general da liberdade, então ministro da marinha, *Sá da Bandeira*, merecido padrão da sollicitude com que o nobre visconde tem promovido o restabelecimento da marinha portugueza e das colonias.

Foi construida no espaço de vinte e tres mezes. O casco é feito de madeiras de carvalho, paroba, arco e teca. As suas dimensões são as seguintes:

Comprimento de roda a roda 54^{m},61 — boca, na maior largura, 10^{m},61 — pontal, da face da quilha á face inferior do convez, 6^{m},22 — pontal, da face da quilha á borda, 7^{m},44. A machina é da força de 200 cavallos. Tem 970$^{10}/_{94}$ tonelladas de construcção.

Monta doze peças de calibre 32, e dois rodizios de 68.

Foi lançada ao mar no dia 30 de janeiro do corrente anno, na presença de S. M., da corte, do corpo diplomatico, camara municipal, grande numero de altos funccionarios do estado, e incalculavel concurso de espectadores que enchiam o arsenal e muitos barcos que coalhavam o rio defronte do estaleiro.

A corveta caiu n'agua perfeitamente, ficando em 10 pés e 4 pollegadas de ré, e 8 pés e 11 pollegadas por avante, accusando logo por estas linhas d'agua a sua elegancia e boa construcção.

O sr. Mendes Leal deu ordem para que com toda a celeridade se apromptasse, para ir a Inglaterra metter a machina que se havia encommendado ao insigne engenheiro Ravenhill, o mesmo fabricante das machinas da corveta *Bartholomeu Dias*.

A 7 de junho a *Sá da Bandeira* metteu os mastros; envergou o panno a 9 de agosto, e a 13 saiu a barra, chegando a Londres com 14 dias de boa viagem.

D'antes gastavam-se annos e annos para pôr qualquer embarcação a navegar. Hoje já os trabalhos do arsenal tem outro impulso, graças á intelligencia e actividade do actual ministro.

Sirva de exemplo a corveta *Infante D. João*, que ha pouco se poz no estaleiro e já está adiantadissima. Brevemente começará a construir-se uma fragata.

TRES CARTAS

III

(Vid. pag. 190)

Em Londres anda-se sempre de boca aberta, ou para admirar ou para rir! Não ha meio termo alli: o que não é grande é burlesco; exceptua-se o que é burlesco e grande ao mesmo tempo, por exemplo, o inglez!

Se elles viajam tanto, se parecem dominados do espirito sonhador e inquieto dos que desejam ver, é porque se cançam, de tempos a tempos, do papel a que voluntariamente se condemnam, de representarem de homens cheios de etiqueta. O inglez não attende a essa famosa etiqueta, que tanto apregôa, senão na sua terra. Na sua terra, todos os escrupulos de bom tom, todos os esmeros de vestuario lhe parecem poucos: na terra dos outros andam como quem vae ao quintal; no seu theatro vel-os-heis de casaca e gravata branca, obrigando até os estrangeiros a vestirem-se assim, ou a não lhes ser permittida a entrada; nos theatros dos outros paizes vão elles mesmos de casaquinho de riscado, calça de côr, gravata exotica, e chapeu de palha!

A sua alma, que começa por se endurecer nos principios de uma religião secca e dogmatica, sente um dia, no centro das relações graves e positivas da vida social, a aspiração á phantasia. O sonho do que se ignora, do que se presente sem se haver visto, do que se ambiciona admirar, vae lentamente minando na sua imaginação, com tanta maior força quanto o fastio da vida ingleza se torna maior. Chega uma occasião em que esses pobres homens sentem que é a hora inevitavel de partir ou de morrer; então, uns enfiam a tiracol a bolsa de viagem, e vão ver o mundo; outros, como um actor que cáe ao atravessar o theatro, succumbem na flor da vida, muitas vezes, ao sôpro devastador do *spleen*.

Elles tem para tudo um dia, ou uma hora certa: não é porque esse dia seja o mais proprio, nem essa hora a mais conveniente, — é para terem uma hora ou um dia por mais preço que os outros dias e as outras horas, de fórma que mais ninguem lhes faça concurrencia, e que essa hora e esse dia fiquem sendo o dia e a hora d'elles. Por isso, para visitar a Exposição, escolheram o sabbado, e ao sabbado a entrada na Exposição custa o dobro. Vão alli n'esse dia, sem falta, tenham ou não desejo d'isso, ou antes, sem terem desejo, porque não me parece ser muito dado a desejos um povo cujo unico talento é a politica, cujo unico orgulho é a nacionalidade, cuja unica paixão são os cavallos!

Comprehendo bem que vae dispensar-me de que lhe faça sobre a Exposição as considerações cançadas, as descripções presumidas, que tanto nos tem enfastiado nos jornaes. A Exposição vê-se n'um dia, e não se vê n'um mez; para quem for estudar pormenores, alli encontra de certo maravilhas de toda a ordem que devem tomar-lhe immenso tempo; mas, para quem vae, como eu fui, «olhar e andar», o melhor que ha a fazer é ver tudo n'um dia, a vôo d'ave — *à vol d'oiseau* — phrase que nunca foi tão litteral como d'esta vez... porque os telhados são de vidro!

A nossa Exposição, que não poderia ser julgada a par das outras como progresso absoluto, era todavia notavel como progresso relativo comparada com a exposição de 1851. Tinhamos alli coisas de muita valia, que poderiam talvez sobresaír mais, se não houvesse na nossa terra o sestro invencivel de tudo fazer tarde, suppondo que tudo vae a horas, do que resultou enviarem a maior parte dos objectos muito depois da Exposição estar aberta, o que necessariamente não permittiu que a disposição, a *mise-en-scène*, fosse tão engenhosa como poderia ser. Os nossos trigos eram muito observados, e os nossos vinhos produziam na opinião dos nossos fieis alliados o effeito mais deslumbrante e sincero. Uma ingleza velha, que não viu sem commoção as diversas garrafas meio cheias do nosso velho Porto, Malvasia, Carcavellos, Bucellas, Lavradio, perguntou ingenuamente ao nosso amigo Moita e Vasconcellos, membro da commissão portugueza em Londres, se aquellas garrafinhas eram destinadas a fazer provar aos entendedores os vinhos de Portugal; ao que Moita e Vasconcellos, considerando-a *entendedora*, respondeu prudentemente — que não.

A Exposição, meu amigo, é um grande mercado, uma feira fabulosa, bordada de cascatas, de curiosidades e de *policimens*. Eu como disponho apenas do inglez que apprendi no lyceu, e infelizmente o inglez de S. João Nepomuceno não tem curso em Londres, vali-me sempre da pantomima, e gesticulei com os *policemens* á maneira das pantomimas inglezas, que são acompanhadas por uma ou outra palavra: diga-se em abono da symbolica linguagem de nossos primeiros paes, e mesmo das disposições para a mimica que se observa nos *policemens* inglezes, elles entendiam-me excellentemente, e quando saí da Exposição foi com repugnancia e saudade que me entreguei de novo no trato com os homems, ao recurso da palavra!

Lá dentro, claro está, a multidão, o aperto, a confusão é enorme; dizia não sei quem, que em Inglaterra ha tres sexos, o masculino, o feminino, e as velhas inglezas, que são um terceiro sexo, o sexo neutro: effectivamente na Exposição lá encontrei estes tres sexos, passeando aos empurrões e ás pisadas, porque, — observação que tambem não é minha — os inglezes são pesadissimos.

Quando olhava para a gravidade petulante e desdenhosa d'aquelles sujeitos, julguei perfeitamente comprehensiveis duas historias que hesitára sempre em acreditar; a saber:

Um inglez chega com sua esposa a uma casa de pasto:

— Rapaz?

— Senhor?

— Um beef com *batates!*

— Com muito prazer, senhor! repplica delicadamente o criado, voltando costas para ir dar a ordem.

— *Nó! Nó!* com muito prazer, mas com muitas *batates!*

Prepara-se o beef, e vem para a mesa. A mulher do inglez, no melhor da festa, cáe para o lado morta.

— Rapaz? grita o inglez.

— Patrão?

— Varre senhora, e traz mais *batates!*

Outra historia de inglez:

Está uma esposa a expirar, e manda chamar o marido ao quarto.

— Aproxima-te.

— Aqui estou.

— Desejo fazer-te uma confissão...

— Faze-me uma confissão.

— Revelar-te um segredo...

— Revela-me um segredo.

— Eu, meu esposo, não quero morrer sem te declarar... que te enganei!

— Bem sei, responde tranquillamente o marido, e d'isso é que tu morres, porque eu envenenei-te para me ver livre de ti!

Esta friesa dilacerante preside alli aos actos mais singulares e excentricos. Asseguram-me que elles tem, em compensação, grandes dotes de caracter, como lealdade e como franqueza: diz-se mesmo que em sendo amigos d'alguem, não os ha melhores n'este mundo; resta saber se effectivamente alguma vez chegam a ser amigos d'alguem.

Nada d'isto, porém, impede que façâmos em *zig-zag*

um pequeno passeio por Londres até á hora do theatro. Não se inquiete pela abundancia de Wellingtons em estatua que de toda a parte nos apparece; permitta mesmo que nol-o offereçam nu, feito Achilles, á entrada de Hyde-Park, e sustenha o riso quando o avistar a cavallo, transformado na mais burlesca estatua de que eu tenho idéa, que apenas embaraça a gente por não se saber o que mais suscita o riso, se o cavallo, se o cavalleiro! Conta-se que um militar francez, examinando este monumento e recordando-se amargamente de Waterloo, exclamára: — «Estamos vingados!» Tem-se commemorado, por vezes, com justiça, a singularidade do genio inglez, que, sem tradições e sem escholas, tem deslumbrado o mundo: Shakspeare creou o drama, Scott fundou o romance historico, Byron creou a poesia amarga e sceptica, Milton foi por assim dizer o pae dos romancistas: pois bem, se quizerem ser justos hão de legar á historia o nome do auctor do Wellington a cavallo em Hyde-Park, que inventou a estatua equestre para rir!

Vamos para Westminster-abbey, egreja fundada por Eduardo, o Confessor, no meiado do seculo XI, augmentada por Henrique III, embelezada no tempo de Henrique VII por uma capella em estilo gothico, e restaurada por Christovão Wren.

Assim que se entra, encontra-se logo o *Poet's corner*, ou logar onde jazem os poetas. A gloria é o grande titulo para repousar alli. Estão ao lado dos reis os escriptores; acontece mesmo estarem ao lado dos satyristas os reis que elles estigmatisaram. Ha de tudo alli, de tudo que foi talento ou grandeza: comicos, historiadores, medicos, artistas, reis, actrizes, poetas. Alli foram extinguir-se os odios politicos, as rivalidades litterarias, as invejas artisticas; alli foi quebrar-se o despeito, a ambição, a guerra; a rosa de York e a rosa de Lencastre alli foram murchar: Shakspeare dorme ao lado de Ricardo II; Maria Stuart fez as pazes com Elisabeth!

O que mais se admira em Westminster é a nave da capella de Henrique VII, em bordados de uma elegancia, de um gosto, de uma perfeição encantadora, que pela ligeireza e pela finura parecem rendas ou recorte em papel. É esta capella destinada ás sepulturas reaes, e alli se encontra tambem o monumento de Henrique VII, trabalho de Torrigiano, que os inglezes estimam como rival de Miguel Angelo. Conta-se em Londres, por gracejo, que esta sympathia nasceu do seguinte caso: — O Torrigiano partiu as ventas ao Buonarott com um murro de primeiro quilate; os inglezes, na sua admiração espontanea por um socco bem dado, prostraram-se em adoração a este heroe, e tomando-lhe a força do cinzel na conta da força do pulso, entenderam que elle era o rei dos esculptores!

(Continua) JULIO CESAR MACHADO.

SÉ DE BRAGA

V

(Conclusão. Vid. pag. 185)

Quem atravessar pela primeira vez o gothico vestibulo, e transpozer a porta do templo, formada de delgadas columnas com seus capiteis ornados de phantasiosos arabescos, e servindo de apoio a elegantes arcos ogivaes, mal póde imaginar que vae entrar em uma egreja do seculo passado.

Os desassisados innovadores por tal modo usaram das modernices, que não ficou parte alguma do corpo da egreja e do cruzeiro, que podesse dar testimunho da antiguidade do monumento.

Rasgando os arcos que dividem as tres naves do templo, trocaram-lhes a fórma ogival pela de volta redonda. Rebocaram com estuque as columnas de pedra, que os sustentam, despojando-as de suas esbeltas proporções. Empastaram e doiraram os capiteis, cobrindo-lhes os lavores, de variadissimas invenções, com as folhas e volutas da ordem corinthia. Outro tanto fizeram nas tribunas, que vão correndo sobre as arcadas das naves como extensas galerias sustentadas e ornadas por grande numero de pequenas columnas. Revistiram as capellas das naves lateraes com obra de madeira pintada e doirada, mas falta da graça e belleza que distinguem as obras de talha dos tres seculos anteriores. Adornaram os intervallos das mesmas capellas com as estatuas collossaes dos apostolos, feitas de madeira, pintadas de branco e invernisadas, a imitar marmore, e collocadas sobre peanhas, que resaltam da parede.

Em fim, abriram grandes janellas para que o templo ficasse mais alegre, e caiaram-lhe bem as paredes para que mais augmentassem os reflexos da luz.

Não sabemos que bellezas perdeu a cathedral n'esta transformação, ou n'outras por que já tivesse passado. Diremos porém affoitamente, que em taes reconstrucções não foi consultado o bom gosto, nem a arte tem n'ellas de que se honrar.

Comtudo, da impressão desagradavel, que o viajante recebe ao transpor a porta do templo, tem uma certa compensação, vendo logo á entrada um objecto d'arte de muita riqueza e curiosidade. É o tumulo do infante D. Affonso, filho de João I e da rainha D. Filippa, o qual, parecendo destinado pela ordem do nascimento para succeder no throno ao illustre chefe da dynastia de Aviz, foi arrebatado pela morte aos dez annos de edade.

Como monumento artistico é unico no seu genero em Portugal, por ser todo de bronze. A esta circumstancia, só de per si tão valiosa, reune a da formosura do todo, e da perfeição de cada uma das suas partes. A estatua do infante, de tamanho natural, deitada sobre a tampa; os anjos, que lhe cercam a cabeceira, postos de joelhos e como em oração; os emblemas, brazões, silvados e arabescos, que, em alto relêvo, guarnecem inteiramente a caixa; as variadissimas esculpturas do grande docel, ou baldaquino, que se ergue a bastante altura sobre quatro columnas lavradas com muitos desenhos differentes, cobrindo todo o tumulo; é obra tudo isto de singular primor e excellencia.

Como monumento historico, se não bastasse para lhe dar apreço guardar as cinzas de um principe, filho de um dos nossos mais inclitos soberanos, era sufficiente recommendação ser mandado de Flandres, em prova do amor e piedade fraternaes, por uma princeza dotada de tantas virtudes e discrição, como foi a infanta D. Isabel, filha do nosso rei D. João I, e mulher de Filippe III, o Bom, duque de Borgonha, e conde de Flandres.

O côro sobre a porta principal é espaçoso e muito rico, mas não é bello. A profusão e accumulação dos doirados e pinturas, e o mau estilo de esculptura das cadeiras, sobrecarregadas de molduragens, e faltas d'aquelles graciosos desenhos e delicados relêvos com que se immortalisou, no templo de Belem, o nosso insigne esculptor Diogo da Carta, dizem claramente que essa obra foi feita na epocha em que o Brasil nos enriquecia e materialisava com o seu oiro.

Junto do côro estão dois grandes orgãos. São magnificos. Não os ha melhores nem mais grandiosos em qualquer das outras sés do reino. E se não abrangemos n'esta affirmativa os mais templos do paiz, é pelo receio de parecermos exaggerados.

Elevam-se aquelles orgãos a tão grande altura, que, principiando a uns tres a quatro metros acima do pavimento da egreja, foi mister para os accommodar fazer-lhes uma cupula mais alta do que o tecto do tem-

plo. São decorados com uma infinidade de figuras de anjos, e estatuas de santos de todos os tamanhos. E por singular anomalia, de que nos deixaram muitos exemplos os architectos do seculo XVI, repousa cada um d'estes orgãos sobre dois satyros e duas sereias.

O corpo da egreja tem oito capellas nas duas naves dos lados, e o cruzeiro conta seis, duas nas extremidades e as outras collateraes da capella-mór. Sobre o cruzeiro levanta-se a cupula, que pela parte exterior tem a fórma de uma torre quadrangular, com sua janella como espelho em cada face, e rematando em telhado pyramidal.

A capella-mór corresponde em capacidade á grandeza do templo, mas excede-o muito na elegancia e belleza da architectura. Reedificada desde os alicerces pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, no começo do seculo XVI, ostenta nas engenhosas decorações do seu retabulo de pedra, nas laçarias da abobada, e sobretudo na coroa com que se adorna externamente, composta de floreadas cercaduras, de bonitas rendas, de graciosas pyramides e emplumados coruchéos; ostenta, repetimos, o luxo e riqueza d'esse estilo gothico, que nós chamâmos, com justa razão, *manuelino*, porque, nascendo e morrendo sob o sceptro do *rei afortunado*, symbolisa as glorias e felicidades d'esse reinado.

Foi obra o retabulo de esculptores biscainhos, que o arcebispo D. Diogo mandou vir para esse fim. Dizem que muitos d'elles ficaram vivendo na cidade, e ahi construiram casas em uma rua a que deram o nome, e ainda hoje se chama *rua dos Biscainhos*.

No altar-mór está a imagem de vulto de Nossa Senhora da Assumpção, a quem a cathedral é dedicada, como todas as mais sés do reino desde o tempo e por determinação del-rei D. João I. Todavia aquella santa imagem é invocada mais communmente pelo povo com o titulo, que anteriormente tinha, de Nossa Senhora da Abbadia.

Aos lados do altar-mór acham-se os mausoléos do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza, mandados fazer pelo mesmo arcebispo D. Diogo de Sousa. [1]

Tem esta sé uma grande sacristia, obra do arcebispo D. João de Sousa, no fim do seculo XVII, com duas capellas bem ornadas, em correspondencia uma da outra. Sobre os gavetões, que são de excellente madeira, com variados feitios e ferragens doiradas de caprichosos desenhos, correm a todo o comprimento da casa, por um e outro lado, duas prateleiras cheias de meios corpos de santos com reliquias, e de talhas de porcelana da India e Japão, em que se guardam tambem reliquias santas, tudo disposto com symetria.

Era a cathadral bracharense uma das mais ricas sés do nosso paiz em vasos sagrados e alfaias. Não havia arcebispo primaz, que não tivesse empregado alguma parte dos seus avultadissimos rendimentos em objectos preciosos para o culto divino. Infelizmente foi despojada de quasi todo o seu thesouro durante as invasões e guerras do principio d'este seculo. D'entre os objectos que mãos pias occultaram e salvaram da rapacidade, nomearemos os mais notaveis que conservâmos em memoria.

O calix de S. Giraldo é mui pequeno e de prata branca, exteriormente todo coberto de lavores em baixo relêvo. Segundo a tradição, era o calix com que dizia missa quotidianamente o arcebispo S. Giraldo, que teve o governo d'aquella diocese nos fins do seculo XI e principios do XII, cabendo-lhe em sorte baptisar o nosso primeiro rei.

Outro calix de prata doirada, inteiramente lavrado com muita diversidade de figuras e feitios em alto e em meio relêvo, é sem duvida do seculo XVI, e suppomos que fôra dadiva do arcebispo D. Diogo de Souza.

Um riquissimo paramento de pontifical, bordado a oiro sobre lhama de prata, foi mandado fazer pelo arcebispo D. José de Bragança, de quem já fallámos.

O claustro nada encerra digno de menção. Tem quatro capellas, uma das quaes tem por orago Nossa Senhora da Annunciação, posto que tambem lhe chamem de S. Thomaz, desde que a confraria d'este santo se mudou para ahi, deixando a capella de S. Martinho, uma das da egreja. Na capella da Annunciação, onde estiveram enterrados o conde D. Henrique e sua esposa até serem trasladados para a capella-mór da sé, acha-se um tumulo de madeira, com sua vidraça para deixar ver o corpo que n'elle descança. É o do arcebispo de Braga D. Lourenço Vicente, que se assignalou na memoravel batalha de Aljubarrota, combatendo ao lado do mestre de Aviz e do condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Jazeu este arcebispo em um tumulo de pedra no meio da dita capella, até ao anno de 1663, em que, pertendendo a irmandade de S. Thomaz mudal-o para dentro de um arco aberto na grossura da parede da mesma capella, foi achado o corpo do prelado inteiro, e tão bem conservado, e assim as suas vestes pontificaes, que, depois de feitos os exames, lavrados os autos e justificações na presença das auctoridades e mais pessoas competentes, se transferiu para o actual sepulchro de madeira, a fim de ficar exposto á veneração dos fieis. Está collocado o mausoléo a um lado da capella. Acha-se o corpo d'este prelado em tão perfeito estado de conservação, que nos pareceu ao vel-o como que fallecido na vespera.

Junto ao claustro, e com porta para elle, está a egreja da misericordia velha, que é como uma capella da cathedral, onde os conegos tinham o seu jazigo. No centro do templo ergue-se o sumptuoso mausoléo de pedra do arcebispo D. Diogo de Sousa, a quem não sómente a sé, mas tambem a cidade, devem bastantes favores, e muitas obras grandiosas. Sobre a tampa repousa a estatua do arcebispo revestida de pontifical, e nas quatro faces da caixa vêem-se as imagens da Virgem e dos Apostolos, esculpidas em alto relêvo, e dentro de nichos ornados e coroadas com as galas do estilo gothico-florido.

Segue-se á egreja da misericordia velha o antigo cemiterio da sé, com capellas de uma e outra parte. Na de S. Giraldo, que é grande, e serve como de capella-mór do cemiterio, está o corpo do santo arcebispo da sua invocação. No pavimento d'esta capella jazem os arcebispos D. Diogo da Silva, D. Manuel de Sousa e D. Rodrigo de Moura Telles, em um carneiro mandado fazer pelo ultimo, e em sepultura separada o arcebispo D. Fernando da Guerra. Na parede da parte da epistola está mettido um sepulchro em que se guardam os restos de um heroe, que a historia aponta como exemplo da fidelidade portugueza. É D. Martim de Freitas, o celebre alcaide de Coimbra, que defendeu corajosamente o castello d'essa cidade contra D. Affonso III, que o cercava com poderoso exercito, até que foi em pessoa a Toledo certificar-se da morte del-rei D. Sancho II, por quem tinha o castello, e fazendo abrir o caixão, depositou as chaves nas proprias mãos de quem as havia recebido. Infelizmente, e por vergonha nossa, acha-se occulto com azulejos esse monumento funerario de tanta honra para Portugal.

Em seguida á capella de S. Giraldo está outra capella com tres altares. Junto ao do meio, que é consagrado a Nossa Senhora dos Anjos, levanta-se um tumulo de pedra com seus lavores, cercado de grades de ferro, e com uma estatua vestida em habitos pontificaes, deitada sobre a campa. É o mausoleo do grande arcebispo D. Gonçalo Pereira, valido del-rei D. Diniz, e avô do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Este grande numero de capellas, algumas das quaes tem a capacidade de egrejas, deu motivo ao auctor

[1] Vejam-se as gravuras que representam estes dois tumulos, e o que ácerca d'elles escrevemos a pag. 388 e 389 do 3.º vol.

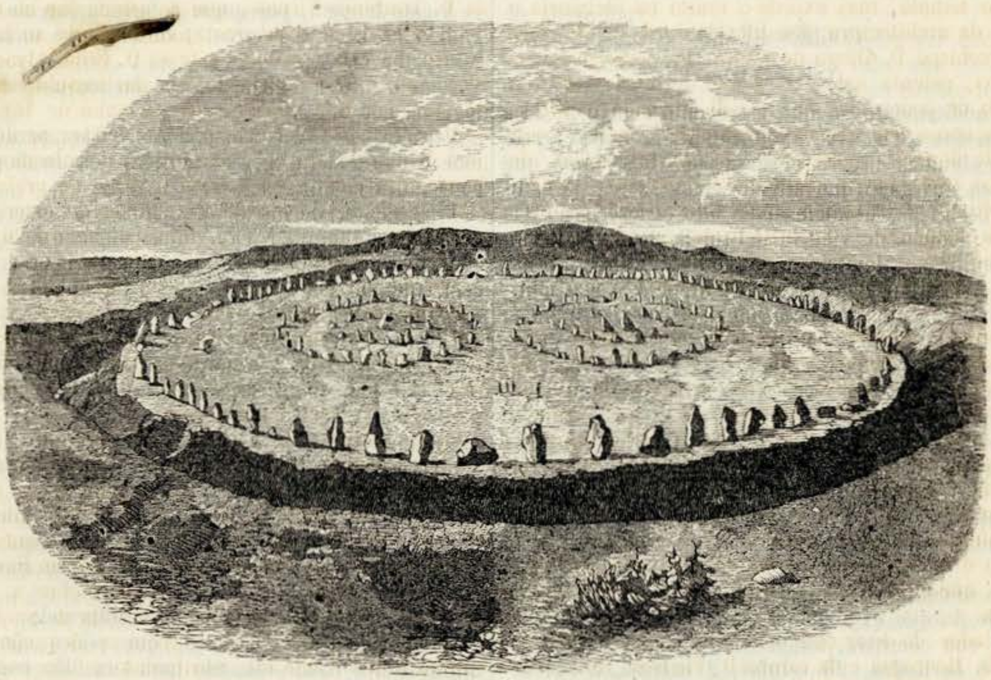
da Chorographia Portugueza para dizer, que a cathedral bracharense é *de tanta grandeza, que dentro d'ella ha sete coros, em que se resam as horas canonicas em voz alta, sem estorvarem uns aos outros.*

Sendo ponto de muita duvida, se esta sé fôra ou não sagrada em tempos antigos, resolveu sagral-a o arcebispo D. Agostinho de Jesus, o que effeituou no dia 28 de julho de 1592. Por essa occasião foram depositadas no altar-mór muitas reliquias de Jesus Christo, de Nossa Senhora, dos apostolos e outros santos.

VI

Honra-se esta cathedral de contar entre o numero dos seus arcebispos varios santos, um papa, quatro principes, um dos quaes cingiu a fronte com a coroa de rei, quatro cardeaes, e muitos prelados que deram lustre a Portugal com a sua sciencia, e credito ao episcopado com as suas virtudes.

Dá a egreja o culto de santos a vinte e dois prelados, que presidiram á diocese bracharense. D'estes veneram-se nas differentes capellas da sé os corpos de S. Pedro de Rates, de Santo Ovidio, de S. Martinho de Dume, e de S. Giraldo.



Monumento celtico em Albury

Chamava-se Pedro Julião, e era filho de Lisboa, o arcebispo que foi elevado á cadeira de S. Pedro com o nome de João XXI, correndo o anno de 1276.

Os quatro principes foram, o cardeal infante D. Henrique, que succedeu no throno, filho del-rei D. Manuel; D. Duarte, filho bastardo del-rei D. João III; D. José e D. Gaspar, filhos legitimados, aquelle del-rei D. Pedro II, e este del-rei D. João V.

Os quatro cardeaes chamavam-se, D. Jorge da Costa, o mencionado infante D. Henrique, D. Verissimo de Lencastre, inquisidor geral, e D. Pedro Paulo, antecessor do actual arcebispo.

Além dos arcebispos santos, D. João Peculiar. D. Pedro Julião, D. Jorge da Costa, cardeal, D. Diogo de Sousa, D. Fr. Balthasar Limpo, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, D. Fr. Aleixo de Menezes, D. Rodrigo da Cunha, e D. Fr. Caetano Brandão, foram os que mais abrilhantaram o solio primacial de Braga com as luzes da sua sabedoria, e com o esplendor das suas virtudes evangelicas.

Deixámos de proposito de fallar nos concilios bracharenses, porque alguns são assumpto de controversia, porque já vae longo este artigo, e essa materia interessa pouco hoje em dia á maior parte dos leitores. Pelas mesmas razões nos abstivemos de mencionar as diversas confrarias estabelecidas n'aquella sé, e as imagens e reliquias sagradas que se veneram em seus altares. Os curiosos, que desejarem noticias a este respeito podem consultar a *Monarchia Lusitana;* as *Antiguidades* de Gaspar Estaço; a *Historia Ecclesiastica de Braga*, por D. Rodrigo da Cunha; o *Agiologio Lusitano*, do padre Jorge Cardoso; as *Memorias do Arcebispado de Braga*, por D. José Contador d'Argote; a *Chorographia Portugueza*, do padre Carvalho; o *Diccionario Geographico*, do padre Luiz Cardoso, etc.

I. DE VILHENA BARBOSA.

MONUMENTO CELTICO EM ALBURY

Quando a pag. 85 d'este vol. démos a gravura de Castro de Avelãs, referimos o que dizem os nossos antiquarios á cerca dos *castros* ou *crastos* dos celtas que ainda subsistem em Portúgal, mórmente na provincia de Traz-os-Montes.

Tentámos obter algum desenho d'esses monumentos, mas ainda o não podémos conseguir. Vindo-nos agora á mão a *Histoire de France d'après les documents originaux et les monuments de l'art de chaque époque*, por M M. Henri Bordier e Edouard Charton, d'ella copiámos o *carn* (equivalente na lingua celtica a *castro* em portuguez) de Albury, em Inglaterra, que os auctores exhibem como typo de taes monumentos.

É este, como os que descreveu e viu o nosso laborioso antiquario D. Jeronymo Contador d'Argote, nas terras da antiga chancellaria de Braga, um amplo recinto formado por grossas lages em circulos concentricos.

Como os nossos, tambem estes auctores francezes não poderam averiguar se taes monumentos eram entrincheiramentos militares, templos dos idolos, ou demarcações geographicas.

Reportando-nos ao que escrevemos no já citado numero d'este semanario, pedimos a algum dos zelosos investigadores das nossas antiguidades, mórmente da provincia de Traz-os-Montes, onde subsistem ainda os *castros*, que á vista da gravura junta, se dignem informar-nos da paridade ou similhança que houver entre este monumento de Albury e os que existem em Traz-os-Montes.

COCHES REAES

(Vid. pag. 187)

Em additamento ao que escrevemos em o n. 24 a respeito dos coches reaes, julgâmos necessario acrescentar algumas breves observações. Desejâmos que não faça duvida o que alli dissémos ácerca de estufas e berlindas, a quem tiver lido a descripção das galas e pompas da viagem del-rei D. João v e toda a real familia ao Alemtejo, no anno de 1729, com o fim de se avistarem com el-rei D. Filippe v e sua familia sobre o Caia, por occasião da troca das infantas de Portugal e de Hespanha, destinadas para consortes dos dois principes herdeiros das duas coroas.

Existem minuciosas descripções da grandeza e magnificencia verdadeiramente real d'aquella viagem, e das solemnidades que se lhe seguiram.

Contâmos dar conhecimento um dia aos nossos leitores d'esse extraordinario apparato da magestade, que referido hoje parece um sonho, ou uma d'aquellas fantasiosas invenções do auctor das *Mil e uma noites*.

Para se conhecer, e ajuizar n'um relancear d'olhos da verdade do que expômos, bastará dizer que a familia real e sua comitiva, foram transportados em 10 coches, 8 berlindas, 29 estufas, 2 caleças, e 141 seges. Cavalgaduras foram: 353 urcos dos coches, 468 cavallos e mulas das seges e dos criados de cavallariça, 673 cavallos de sella, e 316 muares das galeras, carros de matto, liteiras etc. E além de tudo isto, uma grande quantidade de carruagens e cavallos de sella pertencentes a muitos dos fidalgos e outras pessoas particulares, que acompanharam a corte, e varios esquadrões de cavallaria do exercito.

N'essas relações vem mencionados coches, berlindas e estufas. Designam com o primeiro nome as carruagens mais ricas, que só figuraram no prestito real desde a cidade d'Elvas, onde se alojou a corte, até á ponte sobre o Caia, onde os soberanos se encontraram. Dão o segundo nome a carruagens mais pequenas e mais leves, umas encarnadas e doiradas para as damas e officiaes móres, outras tambem encarnadas, mas sem oiro, para os officiaes menores, e açafatas.

As nomeadas em ultimo logar são os coches, que no citado artigo descrevemos com denominação de estufas.

Ao diante vieram a dar tambem o nome de berlindas a alguns coches ricos e de certas fórmas mais esbeltas.

I. de Vilhena Barbosa.

O HOMEM QUE NÃO PODE CHORAR

POR ALEXANDRE DUMAS

(TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO)

A algumas legoas da pequena cidade de Hamburgo havia um homem muito rico intitulado conde Baldrick.

Possuia muitas casas em Francfort, muitos castellos nas cercanias, e, segundo era voz publica, tinham os seus dominios tal extensão, que não chegavam vinte e quatro horas para os percorrer.

Contava muitos criados, trens de caça, dos quaes se não servia nunca, e mesa explendidamente servida d'onde se levantava muitas vezes sem ter tocado sequer n'um prato.

Tinha a sua adega fama de guardar os melhores vinhos do Rheno, de França e da Hungria; apresentavam-lh'os em taças de prata e nacar, mas se por ventura as chegava aos labios, o que bem raro era, poisava-as logo na mesa, tendo-as libado apenas.

A este homem, por quem a fortuna parecia ter exgotado os seus thesouros, todos, [illegible]va uma coisa. Não podia chorar.

Nem o prazer nem a dor lhe faziam assomar uma lagrima aos olhos.

Perdêra seu pae e não podéra chorar; perdêra sua mãe e não podéra chorar; perdêra dois irmãos e não conseguira chorar.

Finalmente, depois de dez annos de esterilidade, dera-lhe sua mulher uma filha, objecto de todos os seus desejos, e nem assim alcançára chorar. Tinha esta, quando começámos a historia, quatorze annos, e chamava-se Lia.

Um dia entrou no quarto de seu pae, e foi encontral-o no canto mais escuro, sentado a suspirar.

— Que tem, meu pae? — perguntou-lhe a criança — parece-me estar tão triste!

— Muito triste, dizes bem, filha: acabo de receber a noticia da morte do meu ultimo irmão: teu tio Carlos morreu...

Lia amava muito seu tio Carlos, que em todos os nataes lhe mandava formosissimos presentes.

Por isso, ao ouvir da boca de seu pae similhante noticia, desatou em prantos.

— Meu pobre tio! — exclamou soluçando.

— Bemaventurada criança, que podes chorar! — murmurou o conde olhando para sua filha com olhos de inveja.

— Mas se o seu pezar é tão grande como parece, por que não chora meu pae? — perguntou-lhe.

Ai, filha! as lagrimas são uma dadiva celeste, e o Senhor recusou-me similhante beneficio; a misericordia infinita acompanha o que chora, porque o que póde chorar chora a sua dor e as suas lagrimas tambem, mas eu... é mister que o coração me arrebente!

— Por que?

— Porque Deus me recusou o que concede á mais infima creatura: as lagrimas.

— Se Deus lh'as recusou, Deus póde conceder-lh'as ainda; e tanto hei de pedir-lhe, com tanta vontade, que por fim lh'as ha de restituir.

O conde, porém, fez um gesto de duvida.

A minha sorte está determinada; devo morrer porque não posso chorar. Quando o coração não poder conter mais lagrimas das que os olhos deviam verter, ha de rebentar, e terei deixado de padecer.

Lia ajoelhou diante de seu pae, e tomando-lhe as mãos:

— Não, não, meu pae, não ha de morrer: deve por força haver meio de lhe restituir as lagrimas que perdeu; diga-me qual elle é, e deixe-me, que eu conseguirei o mais.

O conde hesitou um instante como se realmente houvesse meio; mas elle de certo apresentava grandes difficuldades para uma criança da edade de sua filha, porque, sem responder, levantou-se e saíu.

N'essa noite não tornou Lia a ver seu pae. No dia seguinte esperou debalde por elle ao almoço. Não appareceu.

Mandou-lhe porém dizer, que lhe fosse fallar depois

de almoço. Apenas se levantou da mesa, encaminhou-se logo para o quarto de seu pae.

Encontrou-o, como na vespera, meio sentado meio deitado na sua poltrona, e com o rosto tão pallido como se estivesse morto.

— Minha querida filha, disse-lhe, tenho o coração tão cheio e tão pesado, que me parece que vae rebentar; sinto que as lagrimas me affogam, e rugem dentro em mim como a torrente que vae derrubar os diques; parece-me que vou tambem acabar despedaçado; chamei-te para que saibas que soffro o castigo de uma culpa que não commetti.

— Falle, falle, meu pae — exclamou a criança; — talvez, contando as suas desgraças, lhe acudam as lagrimas.

O conde oscillou com a cabeça como quem perdêra de todo a esperança, mas nem por isso deixou de proseguir.

— Vou contar-te, minha querida filha, como e por que não permittiu Deus que eu podesse chorar.

— Meu avô era homem duro de coração; chegára aos cincoenta annos sem que nenhum desgraçado conseguisse causar-lhe dó. Tinha uma saude robusta e grandes riquezas, de sorte que não conhecêra nunca nem miseria nem doença: dizia mesmo que a doença era resultado da imaginação, e a miseria consequencia do desleixo. E quando se via obrigado a reconhecer que a molestia existia realmente, dizia que a doença occasionára o mal com a irregularidade de vida ou mau regimen. Por conseguinte, como nem os pobres nem os doentes lhe causavam lastima, tambem não lhe mereciam soccorro.

— Mais ainda: a vista só dos desgraçados se lhe tornava insupportavel, e ver lagrimas lhe causava furores, durante os quaes, perdendo completamente o juizo, era capaz de tudo.

— Um dia fallaram-lhe n'um lobo que causava enormes prejuizos pelas visinhanças do castello. Estrangulára carneiros, cavallos, e muitas vezes até chegára a atacar homens; e tão repetidos queixumes se levantavam, que só para os não ouvir, nem ver as lagrimas das victimas, resolveu-se meu avô a livrar as visinhanças do monstro que as devastava. Partiu pois com muitos caçadores das proximidades.

Tinham descoberto de noite a pista do animal, pelo que se encaminharam direitos ao covil, e desde logo entraram a dar-lhe caça.

Ao cabo de uma hora de corrida furiosa, o lobo, apertado pelos cães, em vez de lhes revirar o dente como estes animaes costumam, refugiou-se na cabana de um carvoeiro.

Desgraçadamente o filho do carvoeiro, que teria uns quatro a cinco annos de edade, estava brincando á porta de casa.

O lobo furioso atirou-se á criança e estrangulou-a!

A mãe que estava dentro da cabana viu o que se passava, mas antes de poder acudir a seu filho já a pobre criança estava morta.

A pobre mãe prorompeu em altos clamores; a seus gritos acudiu o marido, que a uns vinte passos cortava uma arvore, e com o machado que trazia abriu a cabeça do lobo. Foi então que meu avô, montado n'um cavallo que escorria suor, chegou tão açodado, com a sua rudeza do costume.

Viu o lobo morto, o camponez com o machado cheio de sangue ainda na mão, e a triste mulher que soluçava estreitando ao peito o cadaver do filhinho.

— Porque choras, gritou-lhe desabridamente, se a culpa foi tua! Se não deixasses andar o rapaz a vadiar, não o teria o lobo encontrado, nem morto. — E tu, perguntou elle dirigindo-se ao rachador, quem te deu o atrevimento de matar o lobo que eu andava caçando.

— Piedade, senhor, piedade, exclamaram marido e mulher chorando a bom chorar.

— Pelas tripas de Belzebuth, não acabarão com essas choramigas, grita meu avô.

E exasperado, porque a mulher, cuidando que o commovia, lhe apresentava o cadaver da criança, deu-lhe na cabeça uma tal pancada com o cabo do chicote, que a infeliz caiu para traz rolando para um lado, em quanto o corpinho da criança rebolava para outro.

O rachador de lenha fez um movimento ameaçador; mas em seguida, quasi arrojando para longe o machado, e erguendo para meu avô o braço desarmado, disse-lhe:

— Coração de marmore, não pódes ver correr as lagrimas de um pae e de uma mãe que choram a morte de seu filho; pois em nome do Senhor te digo, virão tempos em que has de querer chorar e não has de poder; tempo em que as lagrimas encerradas no teu peito te hão de arrebentar o coração. Segue teu caminho, e que este castigo da tua crueldade pése sobre ti e sobre os teus filhos até á terceira geração!

Posto que meu avô se não impressionasse facilmente, ficou espavorido com similhante maldição, e voltando costas á cabana maldita afastou-se a todo o galope.

Tinha quatro filhos.

O mais velho foi jogador, delapidou a fortuna que seu pae lhe entregára, e embarcando para a America morreu em um naufragio.

Meu avô, quando soube esta noticia, teve muita vontade de chorar mas não pôde.

O seu segundo filho entrou n'uma conspiração politica, ficou malograda, e cortaram-lhe a cabeça por traidor.

Ao vêl-o caminhar para o cadafalso com a fronte erguida, mas já pallida pela aproximação da morte, meu avô quiz chorar mas não pôde.

O terceiro filho, que era a menina dos seus olhos, passava como o pae por um excellente caçador. Um dia em que ambos monteavam um javali, o cavallo do mancebo deu um salto e atirou com o cavalleiro de encontro a uma arvore, onde se lhe esmigalhou a cabeça.

Meu avô presenciára a desgraça, mas por mais pressa que deu em apear-se, chegou a tempo apenas de recolher o ultimo suspiro de seu filho. Ergueu então as mãos ao ceo, e com um espantoso grito de desesperação:

— «Meu Deus, exclamou, uma lagrima! uma lagrima!

Mas a maldição subsistia, e como não pôde chorar rebentou-lhe o coração e morreu. Restava o filho mais novo, que veiu a ser meu pae.

Era um mancebo amavel e bom, mas nem por isso deixou de ter a mesma sorte; como, apesar da sua bondade, não lhe podiam acudir as lagrimas a cada desgraça que lhe acontecia, morreu moço, pouco tempo depois de minha mãe me ter deitado ao mundo.

Agora pesa sobre mim o castigo; porque na sua maldição o carvoeiro disse, conforme as palavras da escriptura.

— Almadiçôo-te a ti e a teus filhos até á terceira e quarta geração.

— E por isso vou morrer breve, porque não posso chorar.

— Mas não sabe de meio algum meu pae, que possa levantar essa terrivel maldição?

— Sei, respondeu o conde, mas não me dá esperança nenhuma porque é muito difficil.

— Não importa meu pae, exclamou Lia, diga sempre.

— O carvoeiro que proferiu aquella maldição ainda

vive, é hoje um velho de oitenta annos. Depois da morte de sua mulher e filho, retirou-se muito para além da montanha do lado de Falkenstein; elle que fez o mal é só quem sabe o segredo de o remediar.

Ha muito tempo já, que ao ver os resultados que produziu a sua imprecação, se arrependeu das palavras que proferira, e tel-as-hia recolhido se podesse, mas não póde. Procurei-o. De joelhos diante d'elle suppliquei que me indicasse o meio de readquirir as minhas lagrimas. Mas, baixando a cabeça disse-me: Ha meio, ha, conheço-o; mas não t'o posso indicar. Só o coração de uma criança innocente e pura, poderia encontrar a perola que tem o precioso condão de restituir as lagrimas aos que as perderam.

— E então meu pae, acudiu Lia, olhando para o conde com amor, não tem ao seu lado esse coração innocente e puro?

— Tenho-o filha, bem o sei; mas faria Deus similhante milagre em meu favor?

— Porque havemos de duvidar? Deus póde quanto quer, ensine-me por onde hei de ir á cabana do velho, e encarrego-me de lhe trazer a perola que faz chorar.

O conde olhou para Lia, e depois de um momento de reflexão acrescentou.

— Pois bem, segue esse caminho, pobre criança, peregrina do bom Senhor; foi Deus que te escolheu para me dares conforto e resignação, e pela primeira vez na minha vida confio e tenho esperança. Em seguida abençoou-a, e a menina partiu para a sua aventurosa viagem.

(Continua)



Dodó ou Cysne acapellado

Depois do abestruz, da ema e do cazoar, esta ave é a maior que se conhece.

Não ha nenhuma que seja tão massiça, nem que tenha menos agilidade; de sorte que entre as aves, o dodó é o mesmo que a preguiça entre os quadrupedes — um animal que parece estar opprimido com o proprio peso, e que apenas tem a força necessaria para se mover.

O dodó tem asas, mas tão curtas que lhe não servem para voar; a cauda é desproporcionada e fóra do seu logar; o corpo está coberto de pennas muito macias, de côr cinzenta escura, com pintas amarellas e brancas nas pennas das azas, e nas da cauda, que são poucas e parecem frisadas. Este corpo massiço e desarcado appoia-se em dois pilares curtissimos e mui grossos, que taes parecem as pernas.

Mas a parte mais singular do dodó é a cabeça. Quasi que se compõe de um bico enorme, d'onde lhe sáem os olhos, grandes e negros, bordados de um circulo branco, para além dos quaes, até perto dos ouvidos, se prolonga a abertura das mandibulas. Estas são concavas no meio, grossas nas extremidades, e encurvadas na ponta, em sentido contrario, de maneira que parecem duas colheres agudas, sobrepostas com a convexidade para fóra; d'esta conformação resulta que o animal fica com uma physionomia estupida e voraz; e para cumulo de deformidade, a raiz do bico é cercada por uma ourela de pennas, a qual, subindo em ponta sobre a fronte, arredonda-se em volta da face á maneira de capuz, d'onde veiu chamarem a esta ave, *cysne acapellado*.

Além d'isto, é tão inclassificavel, que os naturalistas não se concordam sobre o logar que lhe pertence nos seus quadros zoologicos. Latham considera o dodó como um abestruz; Cuvier como um gallinaceo; Blainville como um abutre; Temminck como um cotete.

O dodó é oriundo das ilhas de França; mas ahi mesmo já não apparecem ha muitos annos; pelo que alguns zoologos classificam esta familia, de que o dodó é typo, na tribu das especies extinctas.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.